

**SANTO AGOSTINHO, UM CRISTÃO FILÓSOFO: SEU  
PENSAMENTO SOBRE DEUS E O HOMEM**

**Pe. Antonio Marcos Chagas  
Rochelle Cisne Frota D'Abreu**

**RESUMO**

Agostinho desenvolve uma reflexão organizada e uma síntese filosófico-religiosa de extraordinária força e beleza que influenciara significativamente todo o pensamento filosófico e teológico posterior. O presente trabalho abordará uma reflexão sobre o pensamento agostiniano sobre Deus, sobre o homem, o mal e uma reflexão sobre a história à luz da fé. A leitura feita por Agostinho destes temas desdobra uma abordagem focada na primazia da graça que permeia a vida humana e oferece possibilidades para sua plena realização enquanto liberdade consciente. O presente trabalho encontra nos originais agostinianos e nas publicações dos escritores especializados sua fonte de pesquisa.

**Palavras-chave:** Deus; Homem; O mal; A história.

**ABSTRACT**

Augustine develops a reflection and a organized philosophical and religious synthesis of extraordinary strength and beauty that significantly influenced all subsequent philosophical and theological thought. This paper will address a reflection on the Augustinian thinking about God, man, evil and a reflection on history in light of faith. The reading of these issues made by Augustine deploys an approach focused on the primacy of grace that permeates human life and provides opportunities for their full realization as freedom conscious. This work is in the original Augustinian writers and publications of their specialized research source.

**Keywords:** God; Man; Evil; History.

## 1 INTRODUÇÃO

Problemas a respeito do homem, do mundo e de Deus sempre rondaram e desafiaram os pensadores que, no curso da história humana, deixaram seu legado. Ainda não vindo a ser uma filosofia, o cristianismo, enquanto mensagem de salvação fermentou a história da filosofia, ao restituir à razão, a confiança em si mesma, a saber, restituindo-lhe a capacidade para resolver problemas últimos, implacáveis atormentadores da alma humana. Um caminho, desimpedido e seguro, abriu-se ao pensamento humano, sendo viabilizada a superação das vias lamacentas do ceticismo com seus entraves e atoleiros.

Para desenvolver esse tema, tão caro e tão trabalhoso aos filósofos medievais, Agostinho se serve não só da revelação, mas faz uso também tanto da filosofia neo-platônica quanto platônica. Deixando para trás a África do Norte, de onde proviera, ele se formou no ambiente da cultura romana. Em Roma começou seus estudos e, em Milão, aperfeiçoou seus conhecimentos e sua ilustração. Se os primeiros pensadores cristãos, especialmente Clemente e Orígenes, deram os primeiros passos na construção da especulação de uma filosofia cristã, coube aos demais padres operacionalizar esta obra de síntese. Com efeito, Gregório Nazianzeno, Gregório de Nissa, João Crisóstomo, Basílio e o Pseudo-Dionísio foram figuras de destaque. Com certeza, o Bispo de Hipona tem algo substancial a oferecer em sua granítica e monumental produção literária. A síntese filosófico-religiosa de extraordinária força e beleza, por ele realizada, influenciara, de modo incalculável, todo o pensamento filosófico e teológico posterior (MONDIN, 1986, p. 135).

## 2 QUEM É O HOMEM?

Santo Agostinho merece especial atenção quando fala do homem. Se a antropologia esteve bastante presente na reflexão teológica até sua época, com ele passa a ser um tema absolutamente central. Para ele “tudo passa pelo homem” (GROSSI, 1983, p. 67).

### 2.1 O criacionismo agostiniano

Diferente de figuras divinas que não intervêm na vida humana e nem mesmo realizam ação de criar, Deus é apresentado por Agostinho como criador: “Existimos porque fomos criados; mas não existíamos, antes de existir, portanto, não podíamos ter criado a nós mesmos” (AGOSTINHO, 1984, p. 309). A solução criacionista para Agostinho se impõe como verdade de fé e argumento da razão. Segundo ele, a criação se dá do nada:

A doutrina católica ordena crer que esta Trindade é um *só Deus e que ela fez e criou tudo o que existe*, enquanto existe, de tal modo que toda criatura, seja intelectual ou corporal, ou, o que se pode dizer brevemente de acordo com as palavras das divinas Escrituras, visível ou invisível, *foi criada não da natureza de Deus, mas do nada por Deus*: e que nela nada existe que pertença à Trindade, exceto que a Trindade a criou e ela foi criada. Por isso,

não é lícito dizer ou crer que o conjunto das criaturas seja consubstancial e coeterno com Deus (AGOSTINHO, 2005, p. 596)<sup>1</sup>

Uma realidade, segundo Agostinho, pode derivar de outra ou por geração (derivada da própria substância), por fabricação (o fabricado deriva de algo preexistente) ou por criação (a partir do nada absoluto). Um homem pode gerar filhos e produzir os artefatos, mas não sabe criar porque é um ser finito. Note-se a diferença entre criação e geração.

Junto com o mundo, Deus criou o tempo e com este está ligado o movimento, elemento da vida e da história. O tempo está ligado ao momento presente, referência para o passado e para o futuro. “O passado não existe mais, o futuro ainda existe” (AGOSTINHO, 1984, p. 318). Alhures, o pensador aborda essa sua análise do tempo, associando-o à percepção humana: “O presente do passado é a memória. O presente do futuro é a visão. O presente do futuro é a espera” (IB., p. 323). Inexiste, segundo o filósofo, movimento antes do mundo, mas só com o mundo. Daqui, ele oportuniza uma abordagem sobre a eternidade, compreendida como o presente atemporal, onde o “antes” e o “depois” não transcorrem (REALE-ANTISERI, 2007).

### 2.2 O dualismo agostiniano

Evocar-se-á a configuração e a estrutura do homem, bem como a imagem de Deus. Desde o início, ele aborda a noção de homem como um composto de corpo e de uma alma racional. Ambos são importantes para que se possa falar de homem, mas a alma obtém indiscutível primazia:

Pois o homem não é nem só corpo, nem só alma, mas um composto de corpo e de alma. É certamente verdade que a alma não é o homem todo, mas sua melhor parte; nem o corpo é o homem todo, mas sua parte inferior: são os dois reunidos que merecem o nome de homem (AGOSTINHO, 1990, p. 124).

O dualismo agostiniano acha-se bem expresso em sua visão antropológica ao frisar que homem é um composto de dois elementos: “[O] modo segundo o qual os espíritos aderem aos corpos e os tornam vivos é realmente maravilhoso e não pode ser entendida pelo homem essa união, todavia, é o próprio homem” (AGOSTINHO, 1990, p. 500). A grandeza humana advém da alma e o corpo, ou dimensão física, que torna o homem semelhante aos animais irracionais é tido em pouca conta:

Pois o homem total deve ser avaliado pelo que ele tem como principal, o que o diferencia dos animais. As demais coisas, que nele existem, embora sejam belas em seu gênero, são, no entanto, comuns com os animais e, por isso, merecedoras de pouca estima no homem (AGOSTINHO, 2005, p. 640-641).

---

<sup>1</sup> Estes grifos são meus.

Agostinho pensa na alma que recebeu o corpo como servo, como ela mesma é serva de Deus. Assim quando a alma se rebela contra Deus, o corpo, com suas paixões, rebela-se contra a alma e não está mais submetido à sua dominação (AGOSTINHO apud SESBÖUÉ, 2003). O bem do homem não é o do corpo, mas o da alma e do corpo reunidos, ou da alma sozinha. A alma tem uma tendência para o bem e o corpo para o mal. Mais importante que essa oposição fundada nas tendências dos dois componentes humanos, é a que se estabelece entre o bem o mal com base a liberdade do homem. O dualismo existe em Agostinho, mas não o radical. Uma vez criado por Deus o corpo é bom e pode entrar na cidade divina. A esperança da ressurreição é fundamental para o cristão. Ele não rejeita, mas afirma expressamente a dimensão corporal da plenitude da alegria de Deus:

A fé, como abono da autoridade divina e não apoiada em argumentos de razão, promete futuro imortal a toda criatura humana, que consta de alma e corpo, e como conseqüência, a bem-aventurança verdadeira (AGOSTINHO, 1995, p. 412).

A alma humana não preexiste ao corpo: é uma criatura, não é divina.

Uma vez que para Agostinho falar de Deus o leva a falar do homem e vice-versa, elementos preciosos de sua antropologia se encontram na sua vasta reflexão sobre a Trindade.

### 3 QUEM É DEUS?

Deus, tanto para os pensadores antigos quanto para os medievais, foi o sol luminoso a partir do qual orbitava o pensamento do filósofo ora estudado. Como se disse acima, o cristianismo foi norteando esta busca, chegando ao amadurecimento com Agostinho. “A conversão, com a conseqüente conquista da fé, foi, com efeito, o eixo em torno do qual passou a girar todo o pensamento de Agostinho – e, portanto, constitui o caminho de acesso à sua compreensão” (REALE-ANTISERI, 2007, p. 88).

#### 3.1 As provas da existência de Deus

Em suas provas da existência de Deus, Agostinho também se reporta aos gregos para compreender que as características de perfeição do mundo remontam ao seu artífice. Um argumento também comum na sua época, de cunho consensual, era o que a espécie humana confessa que Deus é criador do mundo. Por fim, na consideração dos diversos graus de bem, chega-se ao primeiro e supremo Bem, que é Deus. No entanto, a demonstração de Deus não tem por base intenções puramente intelectuais e a fim de explicar o cosmos, mas para fruir a Deus e ,por conseguinte, dar-lhe amor, preencher o vazio interior e satisfazer a inquietude do coração, perseguindo a meta de ser feliz (REALE, 2007, p. 92).

#### 3.2 A sede e a busca de Deus

A busca inquieta de Deus brota do fato que, para louvá-lo, foi criado o homem feito à sua imagem e semelhança. Este anseio por Deus vem expresso na celeberrima sentença que o hiponense deixou por escrito em suas Confissões: “E quer louvar-te o homem (...). Tu o incitas para que sintas prazer em louvar-te; fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração enquanto não repousa em ti” (AGOSTINHO, 1984, p. 15).

Tal grito do coração turbulento ecoou pelos séculos e se tornou porta-voz da busca do transcendente, do anseio por Deus, intrinsecamente presente na alma humana. Um anseio que tantas ideologias e tantas correntes filosóficas ou ignoraram, ou desprezaram e, até mesmo, rechaçaram de forma peremptória e contundente. Entretanto, permanece vivo e operante. Foram variadas as formas da humanidade expressar esse anseio. Seus elementos negativos e suas surpreendentes contradições em se calar ante a injustiça em nome da virtude resignada ou justificar a morte ou a tortura aos que não crêem ou professam outra fé, isso não impediu o livre desdobrar deste anseio pelo eterno.

#### 3.3 A graça e a liberdade humana

Agostinho é por excelência o doutor da graça. O favor de Deus assume uma primazia suprema nas relações entre o homem e seu Criador e Redentor. A oração que dirige a Deus, em suas Confissões, expressa essa dependência: “concede-me aquilo que me pedes e pede-me aquilo que quiseres” (AGOSTINHO, 1984, p. 279). Quando Pelagio afirmava que bastava boa vontade para salvar-se e que a graça era criação do homem, o doutor no tema se insurgiu com veemência e se opôs ao afirmar que a vontade humana é ajudada por Deus a cumprir a justiça. A saber:

(...) não somente o homem foi criado com o livre-arbítrio da vontade, não só dispõe ele da doutrina que lhe ordena como deve viver, mas recebe o Santo Espírito que suscita em sua alma o prazer e o amor desse soberano bem que é Deus (AGOSTINHO apud SESBÖUE, 2003, p. 246).

O que vem ser a graça, então? Não é tão somente a possibilidade de não pecar, mas a ajuda para não o fazer: “A graça, (...) auxilia o cumpridor da Lei; sem ela o que está sob a Lei é apenas ouvinte da Lei” (AGOSTINHO, 1999, p. 49). A esse respeito, a visão que se tem do homem pecador é de desconfiança, haja vista ser esse, ao ver do bispo hiponense, um incapaz para o bem, sem o auxílio divino:

Portanto, não tenhamos confiança no homem para a prática do bem, apoiando-nos na carne do nosso braço, mas que o nosso coração não se afaste do Senhor, mas diga-lhes: *Tu és minha ajuda, não me deixes, nem me abandones, ó Deus, meu Salvador* (Sl 26, 9). (AGOSTINHO, 1999, p. 30)

A ação misteriosa de Deus, secreta e admirável na liberdade humana, é comentada por Agostinho quando assevera que a “graça

não suprime a vontade humana, mas que a muda de mal em bem, e que a ajuda quando ela se tornou boa” (AGOSTINHO apud SESBÖUE, 2003, p. 250).

### 3.4 A interioridade agostiniana

O itinerário, por ele assumido, insere-se em uma perspectiva interior. Tal oferece originalidade e unidade à solução dos impasses gerados por esta linha de reflexão. Esta dimensão de introspecção, verdadeiro princípio interior, é bem expressa na máxima: “não saias de ti, volta-te para ti mesmo, a verdade habita no homem interior” (AGOSTINHO, apud MONDIN, 1986, p. 140). A verdade é buscada não fora, mas dentro da própria alma:

[Conhecer-se], “[à luz de Deus constitui sabedoria superior àquela de todos quantos desejam esquadrihar] o curso dos astros com afã de novos conhecimentos; e mesmo no caso de os conhecer, ignora qual o caminho da salvação e da verdadeira segurança. Aquele, porém, que inflamado pelo calor do Espírito Santo, já despertou para Deus e reconheceu, no amor divino, sua própria vileza, desejando encontrar o caminho para ele, e não podendo, reflete sobre si mesmo sob as divinas luzes, encontra-se a si mesmo e percebe que a própria debilidade não pode ser comparada à pureza de Deus” (AGOSTINHO, 1995, p. 145).

Além de inquieta, a natureza agostiniana é altamente afetiva e perspicaz para investigar com rara penetração a alma humana; a começar da sua, tal alma foi objeto de suas perscrutações incessantes. Se, amar alguém exige e requer necessariamente o conhecimento do ente amado, não um conhecimento meramente intelectual, mas um abrir-se à mútua revelação, então, o itinerário deste pensador rasgou o véu e o caudal veio à baila. “Ó meu Deus, tu me conheces, faze que eu te conheça, como sou por ti conhecido” (AGOSTINHO, 1994, p. 249). Declarando seu amor por Deus, o bispo de Hipona deixa sua veia poética expandir-se com liberdade. Note-se como a beleza visualizada por ele não diz respeito a coisas visíveis, mas interiores, íntimas, presentes no coração humano:

Estou seguro Senhor, de que te amo; disso não tenho dúvidas. Tocaste-me o coração com a tua palavra, e comecei a amar-te. O céu e a terra e tudo que neles existe dizem-me por toda parte que te ame, e não cessam de repeti-lo a todos os homens, de modo que eles não têm desculpas. (...). Mas, que amo eu quando te amo? Não uma beleza corporal ou uma graça transitória, nem o esplendor da luz, tão cara a meus olhos, nem as doces melodias de variadas cantilenas, nem o suave odor das flores, dos unguentos, dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão suscetíveis às carícias carnaís. Nada disso eu amo, quando amo o meu Deus. E, contudo, amo a luz, a voz, o perfume, o alimento, o abraço, quando amo o meu Deus: a luz, a voz, o odor, o alimento, o abraço do homem interior que habita em mim, onde para a minha alma brilha uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não destrói, de onde exala um perfume que o vento não dissipa, onde se saboreia uma comida que o apetite não diminui, onde se estabelece um contato que a sociedade não desfaz. Eis o que amo, quando amo o meu Deus (AGOSTINHO, 1984, p. 254-255).

Para estudar a sua existência e natureza, Agostinho parte da especulação sobre o homem. O que está fora, sem dúvida, oferece indícios da existência de Deus: elementos cosmológicos e a contingência das coisas, por exemplo. Entretanto, a pessoa humana oferece os elementos, por excelência, para a constatação de Deus. “Na mente humana estão presentes verdades eternas, absolutas, necessárias que a alma humana não pode produzir” (MONDIN, 1986, p. 140). Para ilustrar isso, em sua obra “O Mestre” Agostinho comenta:

Sobre as muitas coisas que entendemos consultamos não aquelas cujas palavras soam no exterior, mas a verdade que interiormente preside à propriamente, movidos talvez pelas palavras para que consultemos. E quem é consultado ensino, o qual é Cristo que, como se diz, habita no homem interior, isto é, a verdade incomutável de Deus e a eterna Sabedoria, que toda alma racional consulta, mas que se revela a cada alma o quanto esta possa abranger em função da sua própria boa ou má vontade. E se, às vezes, há enganos, isto não ocorre por erro da verdade consultada, como tampouco da luz exterior, pela qual os olhos com frequência se enganam. (SANTO AGOSTINHO, 2008, p. 407).

Os juízos proferidos pelas pessoas são conforme a verdade, mas não se pode proferir nenhum juízo sobre a verdade mesma. Quanto mais a mente humana se aproxima e se une à verdade imutável, tanto mais ela compreende mais. A superioridade da verdade em relação à mente humana é incontestável e, por conseguinte sua beleza não passa com o tempo nem muda de lugar para lugar. A verdade não se constrói a partir de quem a busca, reflete ou contempla. Não é manipulada ou articulada por quem a busca no desenvolvimento de seus raciocínios. “(...) ela é aquilo a que tendem os que raciocinam” (REALE-ANTISERI, 2007, p. 90) Os sentidos não a sujeitam. No tratado sobre o livre arbítrio, o pensador inquieto no-lo atesta o que segue:

A beleza da verdade não passa com o tempo nem muda de lugar para lugar. A noite não a interrompe, as trevas não podem escondê-la, e ela não está sujeita aos sentidos. Está perto dos que a amam em qualquer parte do mundo e dura eternamente. Não está em nenhum lugar e, apesar disso não está ausente de parte alguma; censura-nos do exterior e instrui-nos do interior. Transforma em melhores os que a contemplam, enquanto de sua parte nunca se muda em pior. Ninguém é seu juiz, mas sem ela, nada pode ser julgado corretamente. A verdade é, pois, sem dúvida, mais nobre e excelente do que a nossa mente porque é una e ao mesmo tempo torna sábias separadamente cada uma de nossas mentes e as faz juízes das outras coisas; jamais, porém, dela mesma. Ora, admitistes que, se vos fosse mostrado que existe alguma coisa cima da mente, reconheceríeis que Deus existe. Concordei com esta vossa consideração e disse que provaria que existe alguma coisa superior à nossa mente. Chegados a esse ponto, eis a conclusão: se existe alguma coisa superior à verdade, esta coisa é Deus; mas se não existe nada mais excelente do que ela, então a própria verdade é Deus. Em todo caso, não podeis negar que Deus existe, e esta era precisamente a questão que nós nos tínhamos disposto a debater (AGOSTINHO, apud MONDIN, 1986, p. 141).

Percebe-se com nitidez que Agostinho parte da palavra verdade, para fazê-la chegar, em etapas ascensionais, às mais altaneiras compreensões, ao ponto de identificá-la com o próprio Deus, a Verdade suprema. E tal se desdobra de forma que ele afirma peremptoriamente: “Compreende, portanto (...) ó alma, (...) se puderes, que Deus é Verdade” (AGOSTINHO apud REALE, 2007, p. 91).

### 3.5 Deus é trindade

Enquanto teólogo, em seu célebre tratado sobre a Trindade, o santo confessa a fé da Igreja sobre Deus enquanto três pessoas diversas, dotadas da mesma substância e essência, inseparáveis na unidade. Por não serem três deuses, mas um só Deus, cada pessoa divina tem sua identidade própria onde o Pai gera, o Filho é gerado e o Espírito Santo deles procede e pertence igualmente à unidade da Trindade (AGOSTINHO, 1995, p. 31). Nesta mesma obra, ele critica os que “desprezando os princípios da fé, deixam-se enganar por um imaturo e desordenado amor pela razão” (Ib., p. 25). Não sem razão, com arguta percepção, o filósofo africano comenta essa dificuldade humana: “lidamos mais fácil e familiarmente com as realidades visíveis do que com as inteligíveis” (Ib., p. 336).

A identidade substancial das três Pessoas é o alicerce de sua interpretação e vasta reflexão sobre a Trindade. Por conseguinte, como se lê acima, uma substancial igualdade é o que se concebe sobre o mistério ora abordado. Atuam inseparavelmente como são inseparáveis quanto ao Ser. A Trindade é, pois, único e inseparável Deus. A distinção entre as pessoas dá-se com base no conceito de relação. Cada pessoa é distinta das outras, sem ser ontologicamente diversa. O Pai não é o Filho, este não é o Espírito Santo, nem o Pai. Na Trindade não se falam de acidentes por serem mutáveis haja vista não ser mutável o tipo de relação entre as pessoas santíssimas. Tal se coloca numa dimensão de eternidade. Agostinho descobre vestígios da Trindade na pessoa. Tratam-se das analogias triádicas, presentes nas coisas e no homem interior (REALE-ANTISERI, 2007). A alma humana passa a ser verdadeira imagem da Trindade.

Porém, deixando de lado o que diz respeito ao homem exterior e o que temos em comum com os animais, desejando elevar-nos ao interior antes de chegarmos ao conhecimento das coisas inteligíveis e superiores, deparamos o conhecimento racional das realidades sensíveis. Também neste conhecimento, se pudermos, descobramos certa trindade, como já foi encontrada uma nos sentidos corporais e outra nas imagens que por meio deles penetram em nossa alma ou espírito. Desse modo, em lugar de objetos corpóreos que atingimos, estando fora dos sentidos do corpo, teríamos semelhanças impressas na memória, sobre as quais se forma o pensamento; atuando a vontade como um terceiro elemento, unitivo de um a outro. Tudo se passa tal como quando o objeto informava de fora o olhar da vista, e que a vontade, para possibilitar a visão direcionava o sentido à coisa visível, estabelecendo um vínculo entre ambos. (AGOSTINHO, 1995, p. 391-392).

Todas as coisas criadas apresentam unidade, forma e ordem. Estas são vestígios da Trindade em sua obra. Emerge, pois a mente enquanto aquela capaz de conhecer-se a si mesma e amar-se também. A mente, o seu conhecimento e o amor são as três coisas que são uma coisa só. Quando perfeitas, coincidem (REALE-ANTISERI, 2007, p. 93). Em suma:

Conhecimento do homem e conhecimento de Deus Uno-Trino iluminam-se mutuamente, quase que como em um espelho, de modo admirável, realizando perfeitamente o projeto do filosofar agostiniano: conhecer Deus e a própria alma, Deus através da alma, a alma através de Deus (Ib., p. 93-94).

A alma humana é como que o reflexo e a imagem da mesma Trindade: “Mas como o homem foi feito à imagem da Trindade, por isso está dito: *à nossa imagem*” (AGOSTINHO, 1995, p. 371). Foi a análise do amor que fez o doutor da graça descobrir na alma humana a imagem divina: “aquele que ama, o amado e o próprio amor são três. O amor do espírito por si mesmo supõe o conhecimento: temos assim uma primeira tríade: inteligência, amor, conhecimento (*mens, amor, notitia*) que reflete a Trindade, Pai, Filho e Espírito” (AGOSTINHO, apud SESBÖUE, 2003, p. 105). Estas são inseparáveis e, não obstante isso, cada uma tem seu ser próprio. Concomitantemente, as três são uma só substância, haja vista serem relativas umas às outras. Com as palavras do próprio autor, a memória, a inteligência e a vontade exercem um papel importante enquanto faculdades operacionalizadoras das mais altas funções, próprias da pessoa humana: “Eu me lembro que tenho uma memória, uma inteligência e uma vontade; entendo que compreendo, que quero e que me lembro; quero querer, lembrar-me, compreender” (AGOSTINHO, 1995, p.332).

Quando se fala de quem ama, fala-se do amado que com ele se relaciona e com o amor com que ama. “O amor, porém, - assevera o doutor da Trindade, - supõe alguém que ame e alguém que seja amado com amor. Assim, encontram-se estas três realidades: o que ama, o que é amado e o mesmo amor” (AGOSTINHO, 1995, p. 284). Assim, o Pai ama, o Filho é o amado e o Espírito Santo, o amor. Uma definição bíblica de Deus, na revelação neo-testamentária é exatamente essa, dita, justamente, pelo discípulo amado, João: “Deus é amor” (1Jo 4, 8.16). O conhecimento ou verbo mental é igual à inteligência (*mens*) e é gerada por ela; o amor não é menos que a inteligência porque ama o que conhece e o que é (AGOSTINHO, 1995). Ora, esse Deus que ama e é amor, traduz tal amor na comunhão, dom total de si. Quando se faz do amor um dom generoso e gratuito, como faz Deus, então se passa à esfera mais alta desta partilha. Além disso, seguindo os passos de Paulo, Agostinho expõe o amor como o doador de sentido e de valor a tudo: “Não existe dom de Deus mais excelente do

que o amor; é o único que distingue os filhos do Reino. (...). Foram-nos dados outros dons mediante o Espírito Santo, mas sem o amor não servem para nada” (AGOSTINHO, 1995, p. 527).

Quanto à doutrina da imagem de Deus, ela é posta em relação com o conhecimento de Deus. O homem é ,em última instância, imagem de Deus porque tem a capacidade de conhecê-lo. Portanto, só na visão divina perfeita se dará a perfeita imagem e semelhança de Deus (AGOSTINHO, 1995, p.539-543).

#### 4 O PROBLEMA DO MAL

Apoiado em Plotino, Agostinho lança-se na compreensão do mal enquanto a deficiência do ser e privação do ser, em suma, o mal não é um ser. “O mal não é realidade, mas negação da realidade” (MONDIN, 1986, p. 148). E Deus não é fonte do mal, nem compactua com ele de modo algum. “Deus não faz o mal, apenas o permite” (Ib.). Deus do mal sabe tirar um bem maior, pois, “(...) tudo isso que parece contrário à sua vontade tende, por sua presciência, a fins determinados para os bons e para os maus” (AGOSTINHO, 1990, p. 532).

Do ponto de vista metafísico ontológico, não existe mal no cosmo, mas graus inferiores de ser em relação a Deus. Cada coisa, mesmo a mais insignificante, tem seu sentido e sua razão de ser e, por conseguinte, é algo positivo. Por isso, não se deve medir as coisas a partir da utilidade ou da vantagem pessoal. Tudo precisa ser compreendido como momentos articulados de um grande conjunto harmônico.

Do ponto de vista do mal moral, tal constitui o pecado. Este, por sua vez, provém da má vontade. Esta, por sua vez, tem não tanto uma causa eficiente, mas uma causa deficiente. A vontade deveria tender para o Bem supremo, mas atraída pelos bens criados e finitos, o ser humano passa a desejá-los e a eles tender ao ponto de subverter a ordem hierárquica. Assim, pode preferir a criatura ao Criador e os bens inferiores aos superiores. Além do único Bem, escolhem-se outros bens, fazendo uma escolha incorreta. A esse respeito, afirma:

Ninguém busque, pois, a causa eficiente na má vontade. Tal causa não é eficiente, mas deficiente, porque a má vontade não é afecção, mas defecção. Declinar do que é em suma grau ao que é menos é começar a ter má vontade. Empenhar-se, portanto, em buscar causas de tais defeitos, não sendo eficientes, como já dissemos, mas deficientes, é igual a pretender as trevas ou ouvir o silêncio. E, contudo, ambas estas coisas nos são conhecidas, uma pelos olhos e outra pelos ouvidos, não porém, em sua espécie, mas na privação da espécie (AGOSTINHO, 1990, p. 69)

Quanto ao mal físico (dificuldades, sofrimentos físicos ou espirituais e a morte), o filósofo afirma serem oriundos do pecado original e constituem uma conseqüência do mal moral. Na história da salvação, ele tem um significado positivo (REALE-ANTISERI, 2007).

#### 5 A CIDADE DE DEUS E A CIDADE DOS HOMENS

A monumental obra de Agostinho, desdobrada em vinte e dois livros, é uma profunda reflexão sobre a vida, a história, o sofrimento, o sentido da vida. O autor empregou treze anos para redigir tal obra que ele considerara imensa e árdua. Havia passado um século que os cristãos passaram a gozar da liberdade para cultuar o Deus revelado por Jesus Cristo e destronara, pouco a pouco, o paganismo e seus deuses. A imensa catástrofe de Roma deu azo aos pagãos remanescentes questionarem a seguridade do cristianismo, de modo que seus deuses, abandonando Roma, deixaram-na entregue às hordas de Alarico.

Agostinho faz uma reflexão mais atenta da história e não permite a si, nem a outrem, leituras superficiais. Com efeito, ele não se limita às convulsões sangrentas da invasão dos bárbaros. O horizonte se amplia, para que se perceba o fio condutor da história universal. Os godos de Alarico, com seus cavalos vindos do norte, transformam a cidade eterna em uma fogueira cuja fumaça se inala em todo o império, gerando consternação e pasmo. Entretanto, tudo isso não passa de minúsculo episódio da luta permanente, cujos combatentes são a Cidade de Deus e a Cidade Terrestre. “Para ele, tanto as civilizações como os Estados envelhecem e morrem. O importante é escrever de modo cristão nas linhas tortas da história humana” (HAMANN, 1989, p. 288-289). Com efeito, aos conflitos internos, eram adicionados os acontecimentos da Itália e de Roma que se refletiam sobre a cidade. Os cristãos viviam uma perplexidade desconcertante oriunda das recriminações dos pagãos, como se falou acima, e isto, não poucas vezes, era-lhes mais penoso para enfrentar que a própria ruína da sede do império. Com oportuna sensatez, a contra-argumentação não se faz esperar:

Abri as portas de todas as guerras, quer anteriores à fundação de Roma, quer posteriores a seu nascimento e à organização de seu império, lede-as e mostrai-nos estrangeiros, inimigos, senhores de cidades conquistadas, que tenham poupado aqueles que sabiam estar refugiados nos templos de suas divindades, mostrai-nos algum chefe bárbaro que, em cidade por ele forçada, haja ordenado se poupasse toda pessoa surpreendida neste ou naquele templo (AGOSTINHO, 1989, p. 29).

Em novembro de 410, vive-se, no norte da África, o tempo da colheita das azeitonas. E Agostinho, a exemplo de Cristo, qual competente mistagogo, serve-se da vida cotidiana do povo para instruí-lo a respeito dos sublimes mistérios, entre os quais o mistério da cruz, eterna fonte de ressurreição. Segundo o doutor da graça e da providência de Deus na história, benefícios e calamidades estão misturados. Colher os primeiros significa também colher as segundas. O mundo, então, assemelha-se à prensa em ação, onde as azeitonas colhidas e depois de esmagadas tornar-se-ão ou azeite dourado, preciosamente recolhido ou bagaço que escorre para o esgoto. Os cristãos deverão estar atentos

a estas lições (AGOSTINHO apud HAMANN, 1989). Ante os dramas vividos e as perplexidades que enfraqueciam os corações mais débeis em busca de uma leitura de fé a respeito do desabamento das seguranças humanas, no que tange a tais escolhos, o bispo assim se expressa aos seus fiéis:

O mundo está transtornado como se estivesse numa prensa. Coragem, cristãos, sementes de eternidade, peregrinos neste mundo, a caminho do céu! As provações que se multiplicam são o destino dos tempos cristãos, mas não constituem um escândalo para o cristão. Se amas este mundo, blasfemarás contra Cristo. E é isso o que te sopra o teu amigo, o teu conselheiro. Mas não debes escutá-lo. “Se este mundo está sendo destruído, diz a ele que Cristo o previu” (AGOSTINHO, apud HAMANN, 1989, p. 274).

Ainda na condição de peregrinos, os cristãos não se devem considerar alheios ao que acontece na terra, haja vista que a cidade celeste não está apenas na bem-aventurança eterna. Cabe aos discípulos de Cristo lutar para que a Cidade de Deus cresça na terra, avançando sobre o terreno da Cidade Terrestre. Começa neste mundo e cabe-lhes construí-la, sem seu primeiro estágio. “Com alicerces provisórios, o arquiteto do universo constrói a cidade permanente, em direção à qual nos pede que direcionemos nossos passos” (AGOSTINHO apud HAMANN, 1989, p. 308). Ademais, o incessante e luminoso objetivo do cristão, na terra, será o de guardar sua identidade de peregrino da Cidade de Deus. Algo de grande importância em tal reflexão é a linha divisória das duas cidades a qual é invisível, haja vista estar no coração de cada homem e mulher. “Se quiseres saber qual é a cidade e a que chefe obedeces, escruta teu coração e examina teu amor” (AGOSTINHO apud HAMANN, 1984, p. 306-307). Vem à baila, a partir dessa verificação interior, um drama que o coração agostiniano sofrerá penosa e ardorosamente: a divisão fragmentadora, a inquietude e anseio por esta unidade interior, sofridamente perseguida e nem sempre obtida: “Nosso coração está dividido. Quem semeou esta guerra em mim?” (Ib.). Na seqüência, a evocação do campo de batalha nos remete ainda outra vez para o coração humano: “A fronteira entre Cristo e o mal passa pelo interior de nós mesmos, entre nossa alma crista e nossa alma pagã” (Ib.). Arrematando tal consideração, o bispo hiponense afirma a invisibilidade de tal fronteira: “É uma fronteira invisível para qualquer um além de Deus, que escruta os corações e as entranhas dos homens” (Ib.). Este filósofo cristão da história humana a interpreta à luz dos dois amores que se digladiam pelo coração humano, a fim de levá-los a ser construtores de cidades de alicerces, estruturas, consistências e finalidades antagônicas e opostos:

Dois amores, pois, duas cidades, a saber; o amor próprio levado ao desprezo de Deus, a terrena; o amor de Deus levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloriosa-se a primeira em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos

homens e esta tem por máxima glória a Deus, testemunha de sua consciência (AGOSTINHO, 1990, p. 169).

Agostinho faz uma leitura esperançosa da história humana. Esta terá o seu ocaso com o Dia do Senhor, que será o dia oitavo, um domingo sem fim, consagrado à ressurreição de Cristo onde se desdobrará o repouso eterno. Para isso, ocorre que o homem viva e cumpra sua essência, não mais na *cupiditas*, isto é voltado para si e para as coisas do mundo. Há que viver a *chãritas*, voltado para Deus e amando as criaturas em função de Deus. Os bens finitos hão de ser usados como meios e não devem ser desfrutados ou cobiçados como se fossem fins (REALE-ANTISERI, 2007).

A mística da Cidade de Deus o quer!

## 6 CONCLUSÃO

Há muito nutria por Agostinho uma admiração pela santidade e pela genialidade descomunal. Com certeza, a sua vastíssima produção literária nos coloca diante de um gigante que atravessou a história e deixou marcas profundas com seu pensamento na história da filosofia.

Sua alma turbulenta, sacudida por sua história, igualmente agitada, sua formação intelectual esmerada e sua inteligência ímpar, fizeram deste homem, de fé profunda e de razão iluminada, um abalizado timoneiro. A partir do mistério de Cristo, o bispo de Hipona se dispõe a compreender e oferecer itinerários para a compreensão. Deus, objeto do seu pensamento, doador de sua fé e seu caro interlocutor, ofereceu elementos para um conhecimento de refinada fineza psicológica e espiritual da alma humana. Particularmente, Deus, abordado enquanto Trindade, revelou-se, em seus místicos arcanos, uma fonte inexaurível de uma autodoação divina em chave de comunhão, ponto de referência para desvendar os vastos potenciais da tríade do homem racional: vontade, memória e inteligência. O problema do mal, corajosamente enfrentado, livre do maniqueísmo, aberto a uma visão imbuída da mais refinada esperança cristã, remete-nos a um Agostinho disposto a encontrar na Providência divina uma poderosa aliada que não tolhe, mas exalta a humana liberdade e dispõe das decisões humanas para tirar um bem maior. Suas confissões foram um rasgar a alma na presença de Deus e diante de todos os homens de boa vontade e abertura de inteligência para lançar-se nesta viagem de introspecção na alma sedenta de verdade e liberdade tão própria do pensador cristão. Por fim, a história humana, com seus percalços e perspectivas, não é encarada como uma tragédia a ser pranteada ou desesperadamente inquirida, mas a chance para que a vontade humana se decida pelo bem e leia os fatos sob a ótica da fé de um Deus que vela e, por fim, terá a última palavra em seu perfeito julgamento.

Por brilhante que seja, há limites em nosso filósofo. Quiçá sua densa introspecção o levou a não aprofundar e estimular mais profundamente o compromisso do cristão

na história, mesmo que o tenha feito. Seu dualismo, oriundo do platonismo e neo-platonismo reduz um pouco a pessoa humana onde a dimensão física é subvalorizada e compreendida de forma reduitiva. Em todo caso, tive a oportunidade de constatar em Agostinho de Hipona, o homem maduro, o cristão convicto, o pastor zeloso, o filósofo de refinada inteligência, o teólogo místico, enfim, a alma inquieta e a inteligência investigativa que surpreende e cativa.

Ainda que possa ser uma presunção de minha parte, ousou parafraseá-lo em suas últimas palavras de alegria ao concluir sua Cidade de Deus: "Parece-me que, com o auxílio de Deus e com esta [...] obra, saldei a dívida contraída [de escrever a publicar este artigo]. Que me perdoe quem achar que eu disse pouco ou demasiado. E quem estiver satisfeito não dê, agradecido, graças a mim, mas a Deus comigo. Assim seja" (AGOSTINHO, 1990, p. 589).

## REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo, **A Cidade de Deus**, parte I, 11ª edição, Petrópolis, Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. **A Cidade de Deus**, parte II, 2ª edição, Petrópolis, Vozes, 1990.

\_\_\_\_\_. **A Graça e a liberdade**, IN: A Graça (II), S.Paulo: Paulus, 1999, p. 7-77.

\_\_\_\_\_. **A Verdadeira Religião**, 2ª edição, S. Paulo: Paulus, 2007, p. 11-137.

\_\_\_\_\_. **A Trindade**, 2ª edição, S. Paulo: Paulus, 1995.

\_\_\_\_\_. **Comentário literal ao Gênesis** IN: -, Comentário ao Gênesis, S. Paulo: Paulus, 2005, p. 593-636.

\_\_\_\_\_. **Confissões**, 3ª ed., S. Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. **De libero arbitrio**, apud BATTISTA, B., Curso de Filosofia, vol. 1, 4ªed., São Paulo: Paulinas, 1986.

\_\_\_\_\_. **Sur La Grace e Le libre arbitre** apud SESBÖUE, B., **O homem e a sua salvação**. História dos dogmas, Tomo 2, S. Paulo: Loyola, 2003, p. 250.

BATTISTA, B., **Curso de Filosofia**, vol. 1, 4ªed., São Paulo: Paulinas, 1986.

GROSSI, V., **Lineamenti di antropologia patrística**, Roma: Borla, 1983.

HAMANN, A., **Santo Agostinho e seu tempo**, S. Paulo: Paulinas, 1989.

REALE G.-ANTISERI, D., **História da Filosofia**. Patrística e Escolástica, vol. 2, 3ªed., S. Paulo: Paulus, 2007.

SESBÖUE, B., **O homem e a sua salvação**. História dos dogmas, Tomo 2, S. Paulo: Loyola, 2003.

## **SOBRE OS AUTORES**

### **Pe. Antonio Marcos Chagas**

Mestre em Ciências da Educação, Especialista em Filosofia e Existência, Especialista em Ensino Religioso, Especialista em Gestão Estratégica de IES, Bacharel em Teologia e Ciências da Educação, Professor de Teologia e Filosofia da Faculdade Católica Rainha do Sertão.

[pemarcoschagas@gmail.com](mailto:pemarcoschagas@gmail.com)

---

### **Rochelle Cisne Frota D'Abreu**

Mestre em Filosofia, Graduada em Filosofia, Professora da Universidade Católica de Brasília. [cysne@ucb.br](mailto:cysne@ucb.br)